

# CADERNOS DE FORMAÇÃO

Mulheres: mundo do trabalho e autonomia econômica



Caderno 1

## Constituição da sociedade capitalista e divisão social e sexual do trabalho



## **CADERNOS DE FORMAÇÃO**

Mulheres: mundo do trabalho e autonomia econômica

### ***Caderno 1***

Constituição da sociedade capitalista e divisão social e sexual do trabalho

**Michel Temer**

Presidência da República

**Fátima Lúcia Pelaes**

Secretária Especial de Políticas para as Mulheres

**Maria Aparecida Andrade de Moura**

Secretária de Políticas do Trabalho e Autonomia Econômica das Mulheres

**Eugenia Troncoso Leone**

**José Dari Krein**

**Marilane Teixeira**

Instituto de Economia - UNICAMP

Equipe do Centro de Estudos Sindicais e Economia do Trabalho - CESIT/IE

Elaboração, Revisão e Projeto Gráfico

**Dilma Fabri Marão Serviços ME**

Ilustração da capa

**Cândido Portinari**

Fotos e obras de arte

**Mag Magrela**

Fotos públicas – Wikimedia commons

# Apresentação

O Centro de Estudos Sindicais e Economia do Trabalho (CESIT), em parceria inédita com a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres do Governo Federal, desenvolveu, entre 2014 e 2015, um projeto de formação com mulheres sindicalistas. O percurso formativo envolveu centenas de trabalhadoras de todas as regiões brasileiras, do campo e da cidade e nas mais distintas áreas.

Ainda que a igualdade entre homens e mulheres esteja inscrita em nossa Constituição, ela ainda é formal, e a sociedade brasileira precisa percorrer um longo caminho para a construção de uma igualdade efetiva. Portanto, a ampliação e a consolidação dos direitos das mulheres continua sendo um desafio a ser superado. Sem o empoderamento das mulheres, uma sociedade não é inclusiva e igualitária.

O percurso formativo analisou em profundidade o mundo do trabalho, as áreas em que as desigualdades entre mulheres e homens se manifestam e o modo como se estruturam e propõem, a partir da participação ativa das cursistas, ações para sua superação que incluam mecanismos baseados na igualdade de gênero e raça.

Para alcançar esse objetivo, o percurso formativo foi organizado em seis blocos temáticos, em que aspectos conceituais foram entrelaçados com as experiências e vivências concretas das trabalhadoras. Desse processo formativo resultou a produção de seis cadernos formativos, que retratam de forma didática os conteúdos de cada módulo de formação.

Esses conteúdos focam as reais condições de trabalho produtivo e reprodutivo das mulheres, a forma como elas foram excluídas do espaço público e as situações de discriminação presentes em distintos contextos históricos e em suas várias dimensões, com ênfase no mundo do trabalho.

Portanto, nossa expectativa com o Caderno é contribuir para o fortalecimento da cidadania das trabalhadoras, para a conquista de maior igualdade no trabalho, na sociedade e no movimento sindical, para a eliminação da desigual divisão sexual do trabalho, além das diferenças salariais e dos obstáculos que dificultam o acesso e a permanência das mulheres no mundo do trabalho. Estaremos contribuindo, dessa forma, para a elaboração e o fortalecimento de políticas públicas voltadas para a melhoria das condições de vida e trabalho das mulheres.

CESIT/IE – UNICAMP – Centro de Estudos Sindicais e Economia do Trabalho

# *Bem-vindas à leitura*

Companheira,

Em abril de 2014 foi realizado o primeiro módulo do curso promovido pelo Centro de Estudos Sindicais e Economia do Trabalho – CESIT – da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, em parceria com a Secretaria Nacional da Mulher Trabalhadora da CUT – SNMT/CUT.

O grupo, formado por 55 participantes, era bastante diversificado em vários aspectos: idade, escolaridade, área de atuação, local de moradia... mas um elemento era comum: todas eram mulheres.

A diversidade num grupo é excelente para compreender a sociedade em que vivemos, pois cada segmento vivencia suas especificidades, seus preconceitos, suas formas de contratação, seus direitos etc. E a troca possibilitada pelo coletivo nos permite construir e desconstruir opiniões, assumir posicionamentos antes inimagináveis. Essa é uma força do coletivo: permite conhecer, trocar, reconstruir.

Segue aqui uma síntese dos temas apresentados no módulo 1, apresentados por diversos especialistas, entre eles, feministas, e da dinâmica dos encontros e das reflexões realizadas.

O Caderno 1 recupera e sistematiza os principais conceitos referentes à “Constituição da sociedade capitalista e inserção das mulheres” e está organizado em algumas seções para facilitar sua leitura. Um de seus objetivos é promover reflexões voltadas ao aperfeiçoamento do diagnóstico sobre a participação organizada das trabalhadoras, que, esperamos, possam contribuir para o desenvolvimento da ação sindical a partir do tema debatido.

Esperamos dar continuidade aqui ao diálogo iniciado nos encontros realizados.

*Bom trabalho!*



## Sumário

	<b>Pág.</b>
<b>I. O capitalismo entra em cena</b>	<b>8</b>
1. A Primeira Revolução Industrial .....	15
2. A Segunda Revolução Industrial .....	27
<b>II. A economia de mercado</b>	<b>32</b>
1. Um Estado machista? .....	36
2. O capitalismo sem barreiras: a globalização .....	42
3. O movimento das mulheres: década de 1990 .....	47
Referências Bibliográficas .....	53

# 1 *O capitalismo entra em cena*

Você já deve ter visto, em outras oportunidades, as origens e o significado do conceito de “trabalho” como sendo o ato de transformar a natureza, processo em que os seres humanos também se modificam.

O trabalho exige organização: planejar as etapas da tarefa, identificar as ferramentas, criar o produto do seu trabalho etc. Não é a natureza que define mulheres e homens, mas, sim, exatamente o contrário: é a transformação dos seres humanos a partir do trabalho que traça sua história, e esta se encontra em permanente mudança.

Mas, você pode se perguntar: quais transformações ocorreram na história do trabalho?

No feudalismo, modo de produção que prevaleceu durante toda a Idade Média (do século V ao XV), a base da economia era a agricultura. Nesse período, possuir terras era sinal de poder, e quem detinha o poder era o senhor feudal. O servo trabalhava nas terras de seu senhor em troca de moradia, pagando ainda diversos impostos, por exemplo, para uso de moinhos, pelo falecimento de ente da família, entre outros.

Pode-se dizer que o trabalho no feudalismo apresentava três características: **escambo**, agricultura de subsistência e trabalho servil.

A posição social, definida no nascimento, e a religião sustentavam as relações de poder. A expansão da economia feudal baseava-se na conquista de novos territórios que, contudo, estava comprometida, por volta do século XIV, pela cobrança de altos impostos nas transações comerciais nas rotas que envolviam Gênova e Veneza. Assim, os reis passaram a investir na construção de naus mais resistentes, capazes de explorar rotas alternativas, com vistas a baratear o custo na compra de mercadorias. Com as crescentes revoltas dos vassalos, que reagem à exploração exercida pelo **suserano**, ou senhor feudal, o feudalismo começa a apresentar sinais de esgotamento.

As mulheres no feudalismo estavam sujeitas ao poder do pai e posteriormente ao do marido. Tidas como “máquinas” de reproduzir, tinham papel importante no trabalho produtivo e reprodutivo. Aquelas que pertenciam à nobreza eram responsáveis pela organização das atividades domésticas, orientação do trabalho das servas. As servas, por sua vez, acumulavam o trabalho na colheita com os afazeres domésticos e os cuidados com as crianças.

Observe na próxima página duas pinturas de Jean François Millet (1814-1875), que retratam a vida produtiva de camponesas.



## GLOSSÁRIO

**Escambo:** troca de produtos e ou serviços sem uso da moeda. Por exemplo: a manicure faz as unhas da depiladora e essa, em troca, a depila quinzenalmente.



## GLOSSÁRIO

**Suserano:** proprietário dos feudos durante a Idade Média que exercia poder sobre o trabalho e a vida dos servos.



Jean François Millet, As respigadoras de milho (Des Glaneuses), 1857. Museu d'Orsay, Paris, França

*Jean-François Millet foi um pintor realista e um dos fundadores da Escola de Barbizon na França rural. É conhecido como precursor do realismo, pelas suas representações de trabalhadores rurais*



Jean François Millet, A batedora de manteiga (La Baratteuse), abril, 1894

## *E no Brasil?*

O Brasil, em 1500, é invadido e colonizado pelos portugueses, que exploram as riquezas naturais e passam a extrair madeira, minérios e cana-de-açúcar em diversos ciclos de acumulação de riquezas.

Observe que, no Brasil, a história tem sido contada de certa forma como os portugueses sendo os “salvadores” de um Brasil selvagem. O monumento em Portugal, as estátuas em homenagem aos Bandeirantes conduzem a um pensamento desbravador, heroico, mas acobertam a face de exploração das riquezas e dos indígenas.



Monumento dos Descobridores, Lisboa, Portugal.

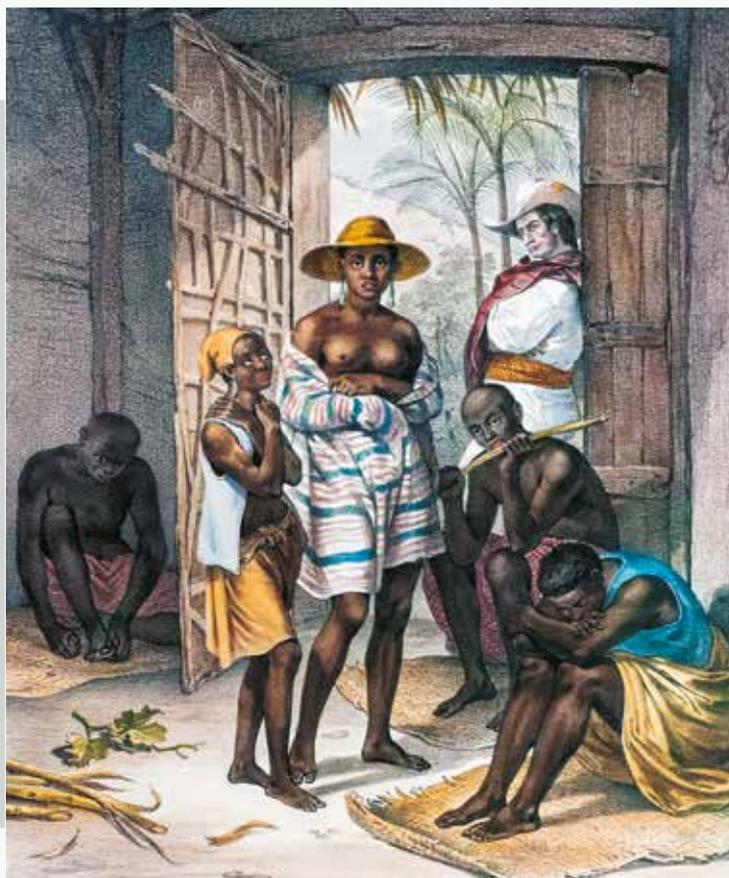
A coroa portuguesa apoia-se cada vez mais nos proprietários de terras brasileiras, possuidores de patrimônio, pois esses estão constituindo o poder econômico do período. Além disso, são favoráveis ao comércio externo e se servem do trabalho escravo como forma de acumular ainda mais riquezas.

Às mulheres negras coube o papel de servir diretamente os senhores na limpeza, na cozinha e também na esfera sexual, situação da qual resultarão certas tensões sociais, no casamento dos senhores, e entre escravos e senhores, dado o aumento dos mestiços mulatos.

São os homens quem passam a “coisificar” a mulher negra, ou seja, a transformá-la em uma coisa, um instrumento de trabalho, e, ao mesmo tempo, a mãe de filhos mis-

cigenados. As escravas eram muitas vezes alugadas a outros homens brancos para satisfação de seu prazer sexual, sendo essa mais uma forma de exploração das mulheres.

A formação de um contingente cada vez maior de pessoas geradas a partir das relações sexuais inter-raciais, ao mesmo tempo em que novos escravos eram gerados em ritmo mais lento, em função da alta mortalidade na senzala (por doenças, castigos, tentativas de fuga), começou a desestabilizar o sistema de castas predominante.



John Moritz Rugendas. Negros-novos, 1835.

## Dica cultural

*John Moritz Rugendas: pintor alemão viajou pelo Brasil entre 1822 e 1825, retratando a fauna, a flora, as paisagens e também a população e seus costumes.*

*A denominação negros-novos, ou boçais, referia-se à condição do negro recém chegado e desconhecedor do idioma e dos costumes locais.*



A mulher negra sofria exploração econômica superior à do homem negro, pois desempenhava os papéis de trabalhadora, de mulher e de reprodutora da força de trabalho.

Enquanto os filhos mestiços de mães brancas nasceriam livres, os descendentes das mães negras nasceriam escravos, já que sua situação jurídica era determinada pela condição da mãe. Mas essa ordem jurídica não é observada rigorosamente por todos os pais brancos, o que levou muitos filhos mulatos a serem também livres.



Jean-Baptiste Debret. Uma senhora brasileira em seu lar 1823.

## Dica cultural

**Jean-Baptiste Debret (1768-1848): pintor, desenhista e professor francês que integrou a Missão Artística Francesa, cuja função era desenvolver o ensino das artes no Brasil (1816). Retratou, em suas pinturas, a natureza e a sociedade brasileira.**

**Caso tenha interesse, leia o livro de Anderson Trevisan A redescoberta de Debret no Brasil modernista, que analisa o olhar do pintor francês sobre a realidade brasileira.**



## *A divisão sexual no trabalho*

As mulheres brancas do período da escravidão tinham como opção de vida o casamento. Mas, para as mulheres pobres, essa nem sempre era uma alternativa. Para estas, entre as possibilidades que se configuravam estava a prostituição, que se tornava um meio possível de subsistência, ou então a vida reclusa em conventos. Se, entre as mulheres pobres, esta última era uma forma de sobrevivência, para as brancas e ricas essa decisão era utilizada, pelos homens, sobretudo, como castigo de cunho moral.

As mulheres que se casavam eram subjugadas pelo marido patriarca e mantidas na ignorância, situação favorecida pelo fato de as mulheres se casarem muito jovens, tornando-se mães já aos 13 anos; e também pelo fato de provirem de famílias patriarcais, onde a submissão das mulheres era tradicional.



### **Você sabia...**

**que mais de 700 milhões de meninas no mundo se casam antes dos 18 anos? E que 17% desse total vivem na África?**

**A presença de “noivas-crianças”, principalmente no sul da Ásia e em certas localidades da África Subsaariana, tem sido combatida, com algumas poucas conquistas, sendo, portanto, uma luta que deve continuar em todo o mundo.**

## *As Grandes Navegações na formação do capitalismo*

A expansão do comércio, a formação de povoações, as Grandes Navegações vão construindo outro cenário, orientado por uma nova lógica: a religião é colocada em segundo plano, e os valores materiais e o trabalho livre passam a dar sustentação a essa sociedade. Um longo caminho foi percorrido até a consolidação do capitalismo, no final do século XVIII.

Uma verdadeira revolução agrícola acontece nesse período. Ela recebeu esse nome em razão do uso de novas técnicas, que permitiram ampliar o cultivo em terras antes improdutivas; com isso, surgiu uma forma original de remuneração do trabalhador rural: o assalariamento. Concomitantemente a esse processo, a criação

do Banco da Inglaterra viabilizou o financiamento da grande indústria. Esses fatores, aparentemente distintos, reuniram condições para que a Inglaterra se tornasse pioneira na industrialização.

Atenção! A formação do capitalismo só se completa com a implantação do trabalho mecanizado. Portanto, a Revolução Industrial é um marco para o estabelecimento das relações capitalistas de produção, aspecto fundamental para a autovalorização do capitalismo.

Esse assunto será discutido nos próximos itens.



Jean-François Millet. Homem com enxada (1860-1862)



1

# A Primeira Revolução Industrial



Mulheres trabalhando em fábrica de palitos de fósforo, 187

Em 1760, a população mundial já ultrapassava os 900 milhões de habitantes, havendo entre eles muitos trabalhadores.

A população buscava trabalho na nascente indústria na Inglaterra, que ganhava impulso com as máquinas movidas a vapor. A transferência da população do campo para os centros urbanos que se formavam vinha acompanhada de profunda miséria. A fome, o frio e a exaustão, além do alcoolismo, caracterizavam as péssimas condições de vida dos trabalhadores. Para as mulheres, a situação era mais dramática, uma vez que eram vistas pelos homens como objeto de uso próprio, e a violência sexual contra as mulheres não contava com nenhum tipo de respaldo.

Em seus estudos, você conheceu ou aprofundou seus conhecimentos sobre as revoluções industriais. Vamos destacar aqui os principais aspectos que merecem ser registrados para que possamos compreender melhor a atualidade.

Por que essas revoluções têm esse nome? Em primeiro lugar é importante refletir que a Revolução Industrial é um momento histórico marcado por profundas alterações na sociedade. Não se trata apenas de mudanças no que chamamos de base técnica do trabalho (vapor, eletricidade, microeletrônica), mas, sim, das modificações ocorridas na sociedade como um todo, incluindo as relações sociais, a economia, a política etc.

Pode-se dizer que as revoluções industriais se realizaram em etapas. Na chamada Primeira Revolução Industrial, as máquinas passam a ser movidas a vapor, em substituição à força humana. A Segunda é caracterizada pelo advento da eletricidade e do motor à combustão. Com relação à Terceira, há controvérsias: alguns autores consideram que ela ainda está em curso, pois a introdução da microeletrônica alterou fortemente o trabalho, mas classificar esse fenômeno como sendo a Terceira Revolução Industrial não é consenso entre os estudiosos, pois ponderam que os demais aspectos que envolvem a sociedade não foram acompanhados de as alterações no âmbito do trabalho. Ou seja: vivenciamos a informatização, a automação, que ceifaram postos de trabalho e criaram outros, mas esses já nasceram marcados por forte racionalização. Essas foram modificações profundas na chamada base técnica do trabalho. Mas e em termos políticos e econômicos? As alterações foram tão profundas quanto as ocorridas na Primeira e na Segunda Revoluções?

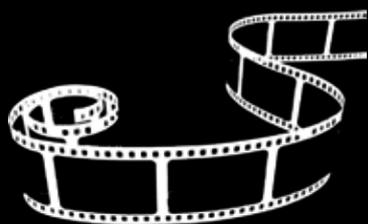
E você, o que acha?

### Dica com pipoca

O filme **Dans: um grito de justiça** (1992 e dirigido por Stijn Coninx) aborda o início da industrialização na Europa no século XIX, retratando de forma fiel o trabalho e as condições de vida de duas classes: a burguesia e o proletariado que se formava.

Disponível em: <<https://vimeo.com/46428638>>. Acesso em: 19.ago..2016.

Acompanhe o que acontecia no Brasil nesse período, assistindo ao teatro de bonecos: **A modernidade chega a vapor, uma produção do Ministério da Educação** (2001).



Disponível em: <<http://tvescola.mec.gov.br/tve/video?idItem=4586>>.

# *A industrialização tarda a chegar ao Brasil*

No período em que a Inglaterra avançava no desenvolvimento da maquinaria, o Brasil sofria com o declínio da mineração e, como relatou Caio Prado Jr. (1945), vivia o “renascimento agrícola”. O país passa a cultivar mais algodão, a fim de abastecer a indústria têxtil em franco desenvolvimento.

## **Dica de leitura**

**Se você se interessa pela história econômica brasileira, leia o livro: *História econômica do Brasil*, de Caio Prado Júnior, que escreveu a obra sob uma abordagem marxista.**



A partir de fins do século XVIII surgem no Brasil sociedades secretas, todas elas fechadas à participação das mulheres. Apenas os homens, desde que membros das elites, integravam essas associações, voltadas à participação na vida política. Assim, as mulheres continuavam excluídas das discussões e da conscientização a respeito dos problemas econômicos e políticos nacionais e, sobretudo, do direito ao voto. Na vida privada a mulher era considerada, ainda, um bem econômico, fazendo parte dos bens que compunham o dote a ser transferido ao marido. Quando da morte do esposo, elas tinham direito a 1/3 da herança, a chamada terça, desde que não se casassem novamente, com o que perdiam esse direito, assim como o direito aos filhos e à educação deles.



## **Você sabia...**

**que, até hoje, homens e mulheres pensionistas, ao se casar novamente, perdem o direito à aposentadoria do cônjuge falecido?**

Isso quer dizer que a sociedade do período colonial, além de manter uma divisão da população em castas conforme sua condição econômica, preservava uma divisão social também em função do sexo, prática que, na época, era cercada de fortes tabus, sustentados por ameaças físicas e, no caso das mulheres, pela perda de direitos hereditários.

## *Voltando ao contexto mundial, como era o trabalho?*

O trabalho era extenuante, com jornadas de até 14 horas. As operárias e os operários não contavam com qualquer tipo de proteção legal, pois nenhum tipo de contrato ou direito lhes era assegurado.

Sem contrato e sem direitos garantidos, homens, mulheres e crianças se deslocavam diariamente até as fábricas em busca de trabalho.

Mulheres e crianças eram as mais procuradas para trabalhar na indústria têxtil, que exigia movimentos mais delicados e feitos por mãos menores. As crianças, pela baixa estatura, eram ideais para coletar as felpas, que, embaraçadas, impediam o deslize perfeito do tear. Aos homens restavam os serviços mais pesados, na indústria têxtil em menor quantidade, como os de caldeiraria.

Essa é uma mudança que diz respeito diretamente à inserção das mulheres no mundo do trabalho. Observe que, no período anterior, a produção agrícola era familiar e, portanto, não diferenciava, em valor econômico, homens e mulheres. Com a formação das guildas (associações de trabalhadores em uma mesma ocupação), as mulheres foram excluídas, pois a elas não era concedido o direito de aprender um ofício.



Desenho anônimo, 1910. Comitê Nacional do Trabalho Infantil (National Child Labor Committee)

Leia o depoimento de um antigo capataz de aprendizes para uma comissão no Parlamento inglês em 1816:



**Eram aprendizes órfãos? - Todos aprendizes órfãos.**

**E com que idade eram admitidos? - Os que vinham de Londres tinham entre 7 e 11 anos. Os que vinham de Liverpool, tinham 8 a 15 anos.**

**Até que idade eram aprendizes? - Até 21 anos.**

**Qual o horário de trabalho? - De 5 da manhã até 8 da noite.**

**Quinze horas diárias era um horário normal? - Sim.**

**Quando as fábricas paravam para reparos ou falta de algodão, tinham as crianças, posteriormente, de trabalhar mais para recuperar o tempo parado?**

**- Sim.**

**As crianças ficavam de pé ou sentadas para trabalhar? - De pé.**

**Eram aprendizes órfãos? - Todos aprendizes órfãos.**

**E com que idade eram admitidos? - Os que vinham de Londres tinham entre 7 e 11 anos. Os que vinham de Liverpool, tinham 8 a 15 anos.**

**Até que idade eram aprendizes? - Até 21 anos.**

**Qual o horário de trabalho? - De 5 da manhã até 8 da noite.**

**Quinze horas diárias era um horário normal? - Sim.**

**Quando as fábricas paravam para reparos ou falta de algodão, tinham as crianças, posteriormente, de trabalhar mais para recuperar o tempo parado?**

**- Sim.**

**As crianças ficavam de pé ou sentadas para trabalhar? - De pé.**

**Durante todo o tempo? - Sim.**

**Havia cadeiras na fábrica? - Não. Encontrei com frequência crianças pelo chão, muito depois da hora em que deveriam estar dormindo.**

**Havia acidentes nas máquinas com as crianças? - Muito frequentemente.**

**Em 1883 a Comissão fez novamente um relatório sobre o emprego de crianças nas fábricas. Nesse relatório, há um depoimento de Thomas Clarke, de 11 anos, ganhando 4 xelins por semana (com a ajuda do irmão) como emendador de fios. Eis parte de sua história:**

**Sempre nos batiam se adormecíamos...**

**(...) O capataz costumava pegar uma corda da grossura de meu polegar, dobrá-la, e dar-lhe nós. Eu costumava ir para a fábrica um pouco antes das 6, por vezes às 5, e trabalhar até 9 da noite. Trabalhei toda a noite, certa vez. Nós mesmos escolhíamos isso. Queríamos ter algum dinheiro para gastar. Havíamos trabalhado desde as 6 da manhã do dia anterior. Continuamos trabalhando até as 9 da noite seguinte. Estou agora na seção de cordas. Posso ganhar cerca de 4 xelins (...)**

**(...) Meu irmão faz o turno comigo. Ele tem 7 anos. Nada lhe dou, mas, se não fosse meu irmão, teria de dar-lhe 1 xelim por semana ...Levo-o comigo, às 6, e fica comigo até às 8.**

**Durante todo o tempo? - Sim.**

**Havia cadeiras na fábrica? - Não. Encontrei com frequência crianças pelo chão, muito depois da hora em que deveriam estar dormindo.**

**Havia acidentes nas máquinas com as crianças? - Muito frequentemente.**

**Em 1883 a Comissão fez novamente um relatório sobre o emprego de crianças nas fábricas. Nesse relatório, há um depoimento de Thomas Clarke, de 11 anos, ganhando 4 xelins por semana (com a ajuda do irmão) como emendador de fios. Eis parte de sua história:**

**Sempre nos batiam se adormecíamos...**

**(...) O capataz costumava pegar uma corda da grossura de meu polegar, dobrá-la, e dar-lhe nós. Eu costumava ir para a fábrica um pouco antes das 6, por vezes às 5, e trabalhar até 9 da noite. Trabalhei toda a noite, certa vez. Nós mesmos escolhíamos isso. Queríamos ter algum dinheiro para gastar. Havíamos trabalhado desde as 6 da manhã do dia anterior. Continuamos trabalhando até as 9 da noite seguinte. Estou agora na seção de cordas. Posso ganhar cerca de 4 xelins (...)**

**(...) Meu irmão faz o turno comigo. Ele tem 7 anos. Nada lhe dou, mas, se não fosse meu irmão, teria de dar-lhe 1 xelim por semana ...Levo-o comigo, às 6, e fica comigo até às 8.**

HUBERMAN, L. *História da riqueza do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991, p.162.

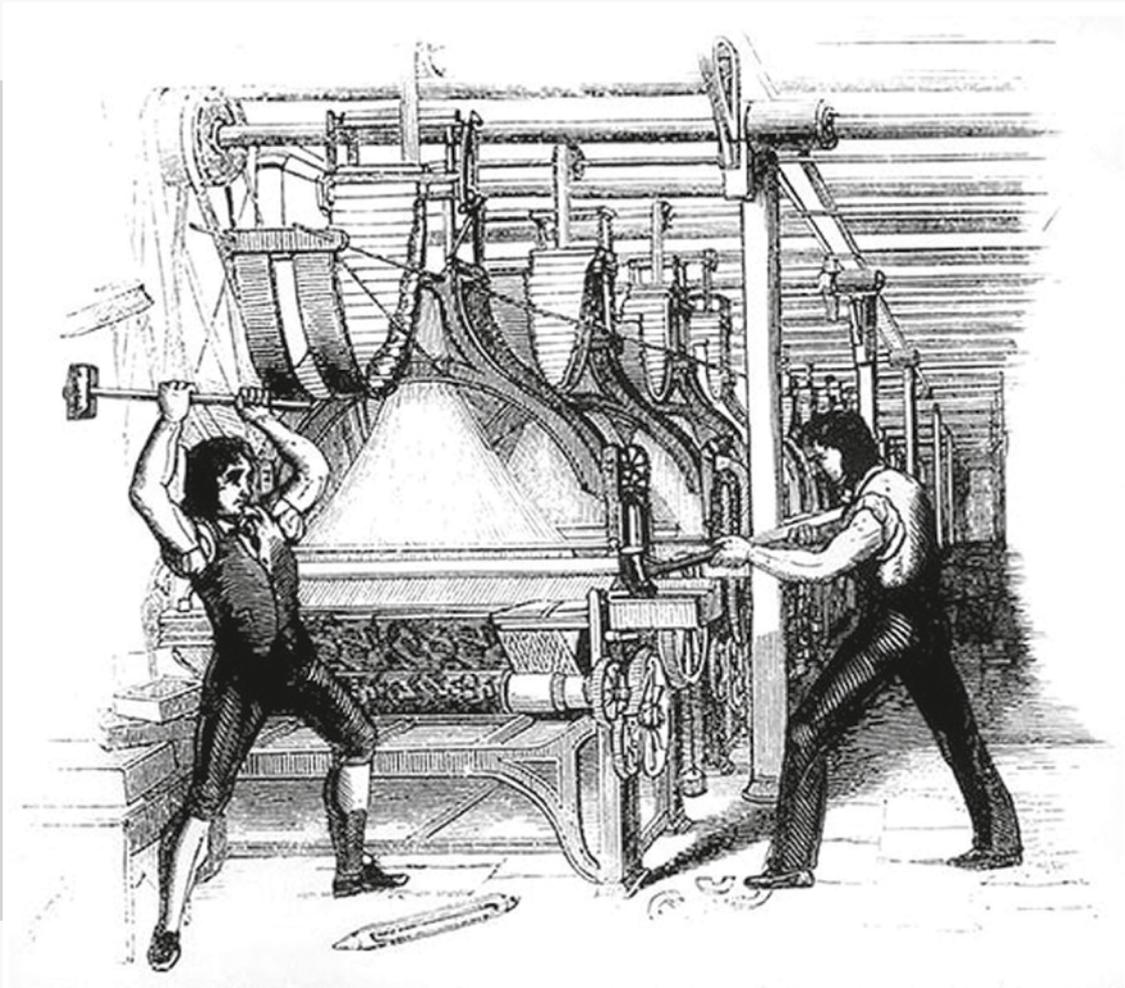


Crianças e mulheres eram, portanto, super exploradas. A ideia da mulher cuidadora e do homem provedor vai adquirindo força e acompanha o pensamento que desqualificava a mulher para o trabalho e reforçava seu papel vinculado à maternidade.

As máquinas produziam de forma mais homogênea e com importante aumento da produtividade. Do lado dos trabalhadores, porém, a corda era mais fácil de romper: perdiam cada vez mais o controle sobre a produção, a máquina ditava o ritmo de trabalho, houve efetiva desvalorização do trabalho manual, e o grau de subordinação foi impulsionado.

Mas os trabalhadores passaram a resistir e a contestar as péssimas condições de trabalho, a falta de proteção legal e, assim, em 1802, conquistaram a promulgação da primeira lei trabalhista da Inglaterra, que limitava a jornada de trabalho infantil a 12 horas e proibia o trabalho noturno. Somente em 1819 foi vetado o trabalho a menores de 9 anos.

Movimento relevante ocorreu em 1811, envolvendo o luddismo, assim chamado por ter como líder Ned Ludd. O grupo era contrário à substituição de seres humanos por máquinas. A ação desses operários consistia em destruir as máquinas durante as madrugadas, como forma de protesto contra o desemprego.



Ludditas, Inglaterra, 1812.



Seria assim um neoluddita?

Os ventos do capitalismo sopravam favoravelmente à Inglaterra: durante todo o século XVIII, e o país assumiu a hegemonia política e financeira, pois sua produção era superior e, uma vez mecanizada, oferecia preços imbatíveis no mercado internacional. A expansão das ferrovias demandava importação de ferro, carvão e máquinas em abundância e, também nesse aspecto, a Inglaterra esteve à frente e foi a grande responsável pela dinamização do mercado mundial.

A ideologia dominante era o liberalismo, sustentado pela burguesia, cada vez mais forte em razão dos avanços da economia. O liberalismo defendia a liberdade individual, a livre concorrência, o direito à propriedade e um elevado grau de liberdade e autorregulação dos mercados.

## Dica de leitura

**Karl Polanyi, filósofo, historiador, economista e sociólogo húngaro, publicou em 1944 “A grande transformação”, onde faz duras críticas ao liberalismo. Seu lema era: “O mundo não é uma mercadoria”. Ele compreendeu que essa ideologia reduzia tudo e todos a uma simples mercadoria, inclusive os trabalhadores, obrigados a vender sua força de trabalho para sobreviver.**

**O livro de Karl Polanyi está disponível gratuitamente na internet. Sua crítica contundente ao liberalismo é de fácil compreensão e atinge o âmago das formas de exploração entre iguais.**

**Confira uma das passagens do livro:**

**“No coração da Revolução Industrial do século XVIII ocorreu um progresso miraculoso nos instrumentos de produção, o qual se fez acompanhar de uma catastrófica desarticulação nas vidas das pessoas comuns. (...). Que “moinho satânico” foi esse que triturou os homens transformando-os em massa?” (2000, p. 51)**

Disponível em: <[http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/262942/mod\\_resource/content/2/A\\_grande\\_transformac%C3%A7ao\\_as\\_origens\\_de\\_nossa\\_epoca\\_Polanyi.pdf](http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/262942/mod_resource/content/2/A_grande_transformac%C3%A7ao_as_origens_de_nossa_epoca_Polanyi.pdf)>. Acesso em: 19.ago..2016.



## Você sabia...

**que Karl Marx e Friedrich Engels conviveram com operários e tiveram a possibilidade de conhecer o funcionamento da indústria e o motor do capitalismo? Eles conheceram de perto as formas de exploração dos trabalhadores e a consolidação de duas classes distintas: a burguesia, classe dominante, e o proletariado, classe dominada. Quem detinha os meios de produção comprava a força de trabalho e exercia formas de opressão sobre o operariado. Dessas observações resultaram obras como o Manifesto comunista, escrito por ambos (1848), e O capital (1867), elaborado por Marx.**

## As mulheres a partir de 1822

O ano de 1822, quando Dom Pedro lançou o grito do Ipiranga, é um marco na história do Brasil.

No Brasil independente, pós-1822, as mulheres começam a poder escolher seus parceiros. Conseguem, assim, alterar a relação entre pais e filhos, ou, melhor, entre patriarcas e seus filhos. Da mesma maneira, começará a se modificar também a relação entre os próprios cônjuges. A construção social do *ser-mulher*, no entanto, vai carregando as heranças do período escravocrata e leva parcela feminina importante a manter valores e hábitos conservadores. As mulheres contavam com mobilidade restrita, ou seja, seu espaço era limitado ao lar, aos afazeres domésticos, embora, ao mesmo tempo, constituíssem um elemento chave na estabilidade da sociedade.



Pedro Américo. Independência ou morte!, 1888.  
Brasília: Fundação Banco do Brasil, 1994



Escravas brasileiras, século XIX.  
Biblioteca Nacional do Brasil, coleção Thereza Christina Maria, autor desconhecido. Retrato das escravas brasileiras do século XIX.

Também o processo de urbanização contribuiu para mudar o modo de vida das mulheres das classes dominantes, uma vez que o crescimento e a vida nas cidades possibilitavam mais contatos sociais, em igrejas, teatros, festas etc. A mulher dessa classe social começa a não mais se limitar exclusivamente à vida dentro da *casa-grande* e, com isso, ela começa, gradativamente, a modificar seu comportamento, diminuindo a rigidez que prevalecia no interior da família comandada pelo patriarca. Nas classes sociais menos favorecidas, no entanto, enquanto o regime escravocrata pouco a pouco enfraquecia, a miséria e a prostituição aumentavam.

O fim da escravidão reduz as tensões que ocorriam dentro da família patriarcal por conta do convívio com a mulher negra. As mulheres negras continuaram a se prostituir, mas agora não a mando dos senhores, e sim por conta de sua precária condição de vida ou da degradação moral a que haviam sido submetidas como escravas.

O homem negro torna-se cidadão e adquire o direito ao voto, mas este continua sendo negado às mulheres, brancas ou negras, e aos analfabetos. E como o homem negro era, em sua grande maioria, analfabeto, ele continua alheio à participação na política. Com a libertação, em princípio o homem negro alcança uma condição superior à mulher; mesmo a mulher branca é, ainda, inferiorizada em relação ao homem negro, pois continua sem o direito ao voto, da mesma forma que a mulher negra.

A população negra, agora com liberdade para constituir famílias mais estáveis, começa a integrar-se às camadas mais pobres da sociedade. Forma-se, então, o proletariado urbano, sujeito à instabilidade de sua condição econômica e integrando uma economia que acaba de se constituir como o modo capitalista de produção.

A partir da segunda metade do século XIX, o processo de urbanização se intensifica, o mesmo acontecendo com a industrialização a partir dos anos 1930, e essas mudanças provocam alterações também na organização familiar. A modernização da vida econômica, porém, não atinge da mesma maneira a família rural. Esta, ao contrário, com a imigração destinada especialmente à atividade cafeeira, sobretudo em São Paulo, termina por sofrer uma reafirmação do patriarcado, principalmente por parte de imigrantes italianos, paternalistas, e sírios, semipatriarcais.

O patriarcado camuflava igualmente as reações inesperadas em relação aos padrões morais vigentes. A família se consolidou, ao longo da história, com forte domínio masculino e com forte ênfase na formação da moral, em especial no que concerne ao trabalho: responsabilidade, disciplina, negação dos prazeres considerados mundanos etc.

**Refleta: se à família foi atribuída tamanha responsabilidade para a manutenção das relações de poder, como seria a reação ao homossexualismo?**

## Reflexão

O homossexualismo sai, em parte, das garras da religião e cai na ciência no século XIX, que tenta explicá-lo como algo anormal.

Analise o conteúdo da seguinte frase:

**“A natureza (physis), tanto no homem como fora dele, é harmonia e equilíbrio. A perturbação desse equilíbrio, dessa harmonia, é a doença” (CANGUILHEM, 2010, p. 10).**

Se o homossexualismo não fosse banido da sociedade, quem daria sustentação aos valores da produção? Você terá a oportunidade de aprofundar essa reflexão em outras passagens nos demais Cadernos.

## Você sabia...



Muita água e preconceito rolaram até que o direito ao casamento civil fosse aprovado pela RESOLUÇÃO N° 175, DE 14 DE MAIO DE 2013.

Mas, o direito à união civil é apenas uma parte da luta histórica em favor da comunidade LGBTI, denominação empregada pela Onu e Anistia Internacional. Entretanto, os movimentos sociais estão ampliando a sigla para LGBTQI que, além da orientação social identifica, também, a abordagem teórica dos estudos Queer.

A tradução do termo inglês queer para a língua portuguesa é um insulto às pessoas, pois remete ao “estranho”, “raro”. Judith Butler, em 2002, fez uma nova proposta: continuemos a usar esse termo, mas com um significado diferenciado: queer passa a ser entendida como opção por uma vida livre das tradições e preconceitos.

Se você quiser conhecer mais sobre o assunto leia as publicações de Judith Butler e também de Guacira Louro, por exemplo: “O corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer” Belo Horizonte: Autêntica, 2004

## Dicas de leitura

Em 1895, Adolfo Caminha, um escritor carioca, publicou o livro “Bom crioulo”, que trata pela primeira vez do romance entre dois marinheiros, um deles um ex-escravo foragido.



## 2 A Segunda Revolução Industrial

Estamos no final do século XIX!

Se, na Primeira Revolução Industrial, os carros-chefes da economia eram a agricultura, a indústria têxtil e o transporte, e as empresas eram administradas por familiares, a marca da Segunda Revolução é a introdução, no processo industrial, do aço, da eletricidade, do motor à combustão e da química pesada. Assim, o capital se organiza em torno dos setores automotivos, do petróleo, da eletricidade, do setor petroquímico e metalúrgico, e a grande empresa capitalista toma o lugar das familiares, adotando agora o conhecimento científico para garantir sua posição no mercado.

A indústria não mais se restringe à Inglaterra, e países como França, Alemanha e Estados Unidos expandem rapidamente seu parque industrial.

Cabe lembrar que o pensamento liberal dominava a burguesia nesse período. Os industriais defendiam a livre concorrência e o afastamento do Estado das decisões econômicas, em especial daquelas referentes ao preço das mercadorias, que deveria ser determinado pela lei da oferta e da procura.

O movimento luddita se enfraquece frente à formação dos primeiros sindicatos na Inglaterra, os **trade unions**.

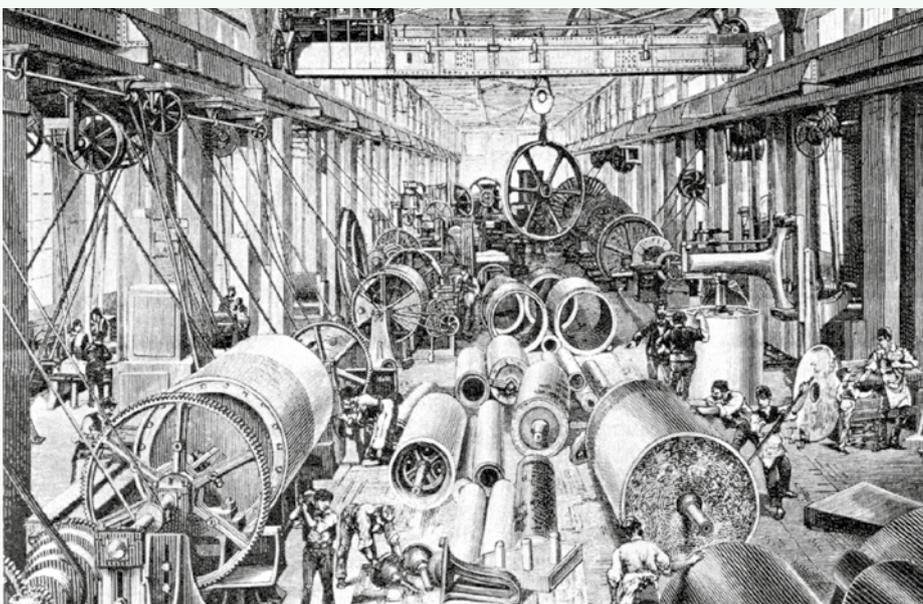
Engels, em 1844, constata que se, de um lado, as indústrias se concentravam em determinados locais, o mesmo ocorria com os trabalhadores, pois juntos passam a compartilhar um sentimento de classe, pois, uma vez reunidos, reconheciam que concentravam poder.

A conscientização da exploração, o controle e as formas de dominação se expandem.



### GLOSSÁRIO

**Trade unions:** organizações de trabalhadores que antecedem a formação dos sindicatos. A partir deles, os operários reconhecem o poder do coletivo para levar a cabo suas reivindicações.



O poeta romântico Percy Shelley, com seus versos, contribui para a difusão do sentimento de opressão a que os operários eram submetidos:



### **Aos homens da Inglaterra**

**Homens da Inglaterra, por que arar para os senhores que vos mantêm na miséria?**

**Por que tecer com esforço e cuidado**

**as ricas roupas que vossos tiranos vestem?**

**Por que alimentar, vestir e poupar do berço até o túmulo esses parasitas ingratos que exploram vosso suor – ah, que bebem vosso sangue?**

**Por que, abelhas da Inglaterra, forjar**

**muitas armas, cadeias e açoites**

**para que esses vagabundos possam desperdiçar**

**o produto forçado de vosso trabalho?**

**Tendes acaso ócio, conforto, calma,**

**abrigo, alimento, o bálsamo gentil do amor?**

**Ou o que é que comprais a tal preço**

**com vosso sofrimento e com vosso temor?**

**A semente que semeais, outro colhe.**

**A riqueza que descobris, fica com outro.**

**As roupas que teceis, outro veste.**

**As armas que forjais, outro usa.**

**Semeai – mas que o tirano não colha.**

**Produzi riqueza – mas que o impostor não a guarde.**

**Tecei roupas – mas que o ocioso não as vista.**

**Forjai armas – que usareis em vossa defesa.**



SHELLEY, P. Os homens da Inglaterra. In HUBERMAN, L. História da riqueza do homem. Rio de Janeiro: Zahar, 1991, p. 176.

## Reflexão

A fotografia que segue retrata o trabalho feminino na nascente indústria. Às mulheres eram pagos menores salários, o que as tornava preferidas no momento da seleção. Os homens já se ressentiam por serem preteridos e principalmente a partir do Tratado de Versalhes (1919), o tratado de paz que encerrou a Primeira Guerra Mundial, se sentiram ameaçados porque este estabelecia: “A trabalho igual deve-se pagar salário igual, sem distinção de sexo do trabalhador (...) e deve-se organizar, em cada Estado, se hadores” (Partes VI, XIII e XIX). ZIEMANN, A., ALVES, F. (orgs.). A jurisdição constitucional e os direitos fundamentais nas relações privadas: questões contemporâneas. São Paulo: PerSe, 2014, p. 260.

**Como esse trabalho se modificou? As mulheres continuam exercendo as mesmas atividades profissionais?**



Indústria britânica, 1918.

# Capitalismo monopolista e imperialismo

Karl Marx apontou que as crises econômicas fazem parte da lógica do sistema capitalista, que nesses momentos busca nutrientes para se renovar. Assim, encontrar solução para tal conjuntura significa sacrificar certas **forças produtivas** em determinado momento. E assim, sucessivamente, ele se alimenta de crises para recuperar o fôlego e seguir seu caminho rumo à acumulação.

É nessa lógica que acontece a Grande Depressão em 1873. A Inglaterra, ocupando o posto mais importante na economia, uma vez afetada pela crise carregou consigo outros países, o que desencadeou uma crise mundial. Países como Alemanha, França, Estados Unidos e a própria Inglaterra vivenciaram avalanches de falências, superprodução de mercadorias e altos níveis de desemprego.

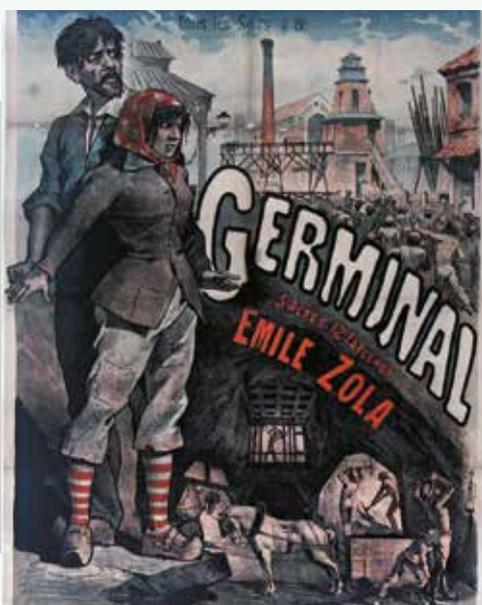
As revoluções industriais imprimiram dinamismo em vários campos. Também na organização do trabalho houve mudanças importantes, que retiraram gradativamente o controle do trabalhador sobre a produção. O taylorismo, iniciado ao final do século XIX, é um exemplo concreto. Frederick Taylor (1856-1915), engenheiro norte-americano, idealizou uma nova organização do trabalho, a fim de retirar do operário o controle sobre o trabalho. Para ele, o domínio sobre a produção deveria ficar nas mãos do empregador, pois o entendimento era de que o operário queria ludibriar o patrão, realizando tarefas em tempo mais longo que o necessário etc. Reconhecia, assim, que as formas de resistência iam além das paralisações e da quebra de máquinas. Havia um poder nas mãos dos trabalhadores que deveria ser minado e, sobretudo, suprimido.

Você verá esse tema com mais profundidade no Caderno 4.



## GLOSSÁRIO

**Forças produtivas:** conjunto de homens e mulheres que trabalham, incluindo a tecnologia que empregam e suas ferramentas.



## Dica de leitura



*Germinal*, de Émile Zola, retrata a vida dos mineiros no século XIX e tem como pano de fundo a luta de classes. O autor trabalhou e viveu com os mineiros durante dois meses para construir o livro, que está também disponível em filme.

o livro inspirou filmes e também peças de teatro, como essa encenada na França, em 1890

## Cartéis e trustes

Entre 1870 e 1900 – período que alguns autores consideram a primeira fase da globalização – o livre comércio internacional é limitado pela adoção de práticas protecionistas, que visavam proteger as indústrias nacionais. As empresas passam a associar-se entre si, fundem-se e se aproximam do setor bancário, formando assim grandes **cartéis e trustes**, que, cada vez mais, detêm enorme poder econômico, pois intensificam a concentração de capital: é o denominado *capital monopolista*, que configura um novo padrão de acumulação.

Entre os países, a concorrência comercial internacional igualmente se intensifica: ocorre uma nova política *colonial* de expansão territorial, movida pela busca de novos mercados e novos fornecedores de matérias-primas. Alguns poucos países buscam estender seus interesses econômicos para além de suas fronteiras, repartindo o mundo em áreas de atuação dos capitais nacionais. É um novo imperialismo. As maiores potências econômicas passarão a alcançar grande crescimento, e os conflitos entre os países irão se tornar mais intensos, o que desenhará o cenário da Primeira Guerra Mundial.



### GLOSSÁRIO

**Cartéis e trustes:** empresas que detêm grande parte do mercado de seus produtos e se associam ou mesmo se fundem, impondo aos mercados condições de comercialização que lhes permitem obter grandes lucros, seja pelos altos preços que atribuem a seus produtos seja pelo controle de preços, níveis de produção e vendas, além da distribuição geográfica dos mercados.

Trustes teriam atuação mais voltada a mercados internos, e cartéis, aos internacionais (Baseado em: SANDRONI, P. Novíssimo dicionário de economia, Rio e Janeiro: Best Seller, 1999.)

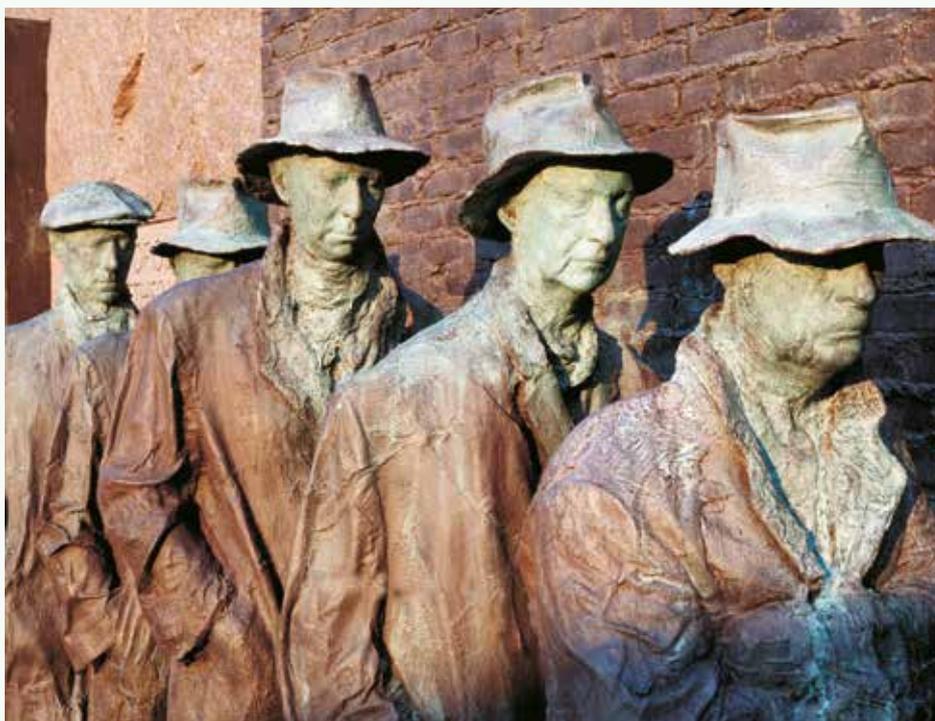


## II. A economia de mercado

No início do século XX, a indústria conhecerá uma nova organização do trabalho que irá revolucionar suas práticas: a criação das “linhas de montagem”, que constituirão o princípio da “economia de escala”, com operários cada vez mais especializados, produzindo, em grandes plantas industriais, enormes quantidades dos produtos. Isso reduziria o custo final dos produtos e geraria aumento da demanda, e, em decorrência, “lucros em escala” ao capital. Essa nova organização recebeu o nome de **fordismo** e será discutida com detalhes no Caderno 4.

Na década de 1920, enquanto na Europa os países tentam recuperar sua economia abalada pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918), nos EUA, o aumento da oferta de crédito, por um lado, estimulou as famílias a se endividar para a aquisição de bens duráveis, e, por outro, levou as indústrias a expandir sua produção. Ao mesmo tempo, as poupanças familiares e os capitais produtivos são direcionados para a busca de ganhos financeiros, o que irá gerar uma onda de especulação, com os preços das ações subindo vertiginosamente. Cria-se uma situação insustentável, que resulta na Grande Depressão: as ações perdem valor bruscamente, e ocorre uma recessão econômica que afetará indústria, comércio, agricultura, bancos, e desembocará em falências, desemprego agudo e inúmeros problemas sociais que afligirão a população. A crise, em 1929, se espalhará para outros países com a queda da participação estadunidense no comércio internacional e a redução, para eles, do fluxo de capitais norte-americanos.

A Segunda Grande Guerra (1939-1945) desencadeará, em grande parte dos países, a adoção de uma “economia de guerra”, com o objetivo de minimizar os efeitos por ela provocados. Encerrado o conflito, os países europeus irão dedicar-se à reorganização de suas economias e sociedades, com o apoio dos EUA, que temem a expansão da influência da União Soviética (URSS) – extinta em 1991 – e dos partidos comunistas, especialmente na França e na Itália. Esse confronto de ideologias será



Estátuas de desempregados simbolizando a Grande Depressão de 1929 nos EUA.



### GLOSSÁRIO

**Fordismo:** em meados da década de 1900, Henry Ford implanta em sua fábrica de automóveis nos EUA uma linha de produção, com esteiras rolantes, que ditam o ritmo do trabalho e tentam eliminar a ociosidade na produção. Com tal método, o custo e o tempo necessários à produção caíram drasticamente.

conhecido como Guerra Fria e terá início, em 1947, pouco depois do término da guerra real.

Países da Europa instituíram o denominado *welfare state*, ou Estado de bem-estar social, por meio da criação de um conjunto de direitos visando garantir maior proteção social aos cidadãos, com políticas voltadas para a seguridade social, a garantia de renda e a redução da desigualdade social.

Nos anos seguintes, serão alcançados novos avanços na organização da produção e na escala do consumo, bem como novas tecnologias e a invenção de produtos que revolucionaram a indústria, como os plásticos e os aparelhos eletrônicos.

Com relação ao trabalho, nos países centrais, as empresas irão perder o poder de decidir livremente a condução das relações com os trabalhadores de acordo com seus interesses, por força da ação de sindicatos e centrais sindicais.

Nos anos de 1950 e 1960, esses mesmos países alcançarão baixas taxas de desemprego, aumento dos salários reais (em razão de aumentos de produtividade e pela ação sindical), expansão do crédito, fatores que, aumentando o poder de compra da população, possibilitaram o surgimento de uma massificação do consumo e, portanto, também da produção, ou seja: a ideia central do fordismo triunfou.

## *Políticas e direitos*

Como acabamos de ler, os Estados nacionais de modo geral passaram a intervir de forma mais intensa na implantação de políticas e direitos dos cidadãos a partir da Segunda Guerra Mundial, culminando, em alguns países, na criação do Estado do bem-estar social, o *welfare state*. Nos países subdesenvolvidos (ou em desenvolvimento) não se chegou a esse ponto, mas políticas públicas voltadas para o social também ganharam força. As ações que os Estados passaram a desenvolver eram um instrumento para regular ou intervir nos conflitos e contradições que ocorriam, interferindo nas relações entre classes, entre as disputas pelos interesses dos distintos grupos sociais. Da mesma forma que intervieram nas questões econômicas, nos processos de acumulação do capital, com suas políticas de cunho liberal, as quais, aliás, se tornaram hegemônicas, essas ações se sobrepuseram a quaisquer outras visões, com o desenvolvimento do capitalismo no Ocidente desde a segunda metade do século XIX.

O desenvolvimento do capitalismo deu-se sempre com a criação de novas formas de produção e de **mercantilização**, o que levou a um divórcio cada vez maior entre o tempo e o trabalho dedicados à produção mercantil, à reprodução econômica, e o tempo e do trabalho dedicados à produção e à reprodução da vida.



### GLOSSÁRIO

**Mercantilização:** transformação de bens ou produtos em artigos de valor comercial, e não mais de troca, para comercialização em mercados tanto locais como internacionais.

## Sobre as mulheres...

A indústria sentia na pele a ausência, nos postos de trabalho, dos homens que lutavam na guerra. Analisemos a situação em dois países: Itália e Alemanha.

A Itália, com seu pensamento conservador, hesitava em ceder espaço público à mulher, assim como a Alemanha. Para os alemães, em princípio, elas deveriam se incumbir exclusivamente da educação moral dos futuros integrantes do *reich*. Mas, diante da necessidade de mão de obra para a indústria, os alemães se viram diante de um dilema. Segundo o autor Claude Quétel, o dilema se resumia na frase atribuída a um militar alemão: “Precisamos de éguas de tração ou de reprodução?” Ou seja, qual papel feminino privilegiar no momento?



### Dica de leitura

**Claude Quétel: historiador francês escreveu a obra *As mulheres na guerra, 1939-1945*, publicado no Brasil em 2009.**



#### Mulheres na Fábrica Shell

Disponível no livro de Rudolf Crunou: *Mulheres triunfantes; a estória de suas lutas pela liberdade, educação e direitos políticos*. Nova York, 1919. Caso tenha interesse esse livro histórico pode ser acessado pelo link < <https://archive.org/details/womantriumphants00cron>>. Acesso em: 19.ago.. 2016.



## As famílias

As famílias passam a se reestruturar em um novo modelo, à parte do mundo produtivo, em que a mulher fica cada vez mais isolada na vida privada. Essa é uma nova condição em relação ao que acontecia na época da Primeira Revolução Industrial, em que as mulheres e as crianças formavam grandes contingentes de trabalhadores nas indústrias têxteis. Nesse momento, ocorre, mais uma vez, uma separação acentuada também entre o público e o privado, que se reflete nas relações de gênero: aos homens serão destinadas as atividades ligadas ao mundo público, ou seja, à sociedade, ao mercado, à política etc. e, às mulheres, aquelas ligadas ao privado, à família, às relações pessoais familiares etc. A oposição entre o público e o privado e entre a produção mercantil e a reprodução da vida é considerada, além de artificial, um dos mecanismos mais importantes para manter a subordinação das mulheres em relação aos homens.

### Reflexão

**Observe as semelhanças entre esse momento histórico e a Grécia Antiga! Lembre que as mulheres desse período eram excluídas da vida política e só podiam se dedicar à procriação e aos afazeres domésticos.**



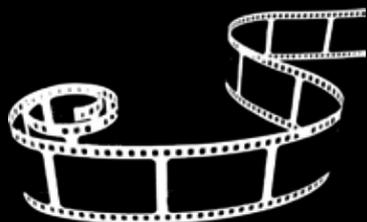
Lawrence Alma Tadema,  
“Uma mulher grega” Pintura a  
óleo de 1869

# 1 Um Estado machista?

A própria organização do Estado vem a se dar a partir desse quadro, espelhando a desigualdade existente nessa relação. É a partir dessa visão que as feministas apontam que o Estado é não apenas capitalista e classista, mas também patriarcal, além de racista – o que se refletiria em sua estrutura e dinâmica: em suas políticas sociais.

Resumindo, o Estado não leva em consideração que as relações sociais entre homens e mulheres têm caráter diferenciado. Às mulheres cabe a posição principal no mundo privado: a família, o espaço doméstico, as relações pessoais e íntimas. Aos homens, o mundo das relações políticas, econômicas, de Estado.

O Estado, por um lado, restringia ou limitava a cidadania das mulheres, pois, como elas não participavam do espaço público, não circulavam pelo espaço onde justamente se dá a constituição dos cidadãos. Por outro lado, identificava a mulher com a natureza, com um mundo exclusivo, excluído das relações sociais. Os homens eram cidadãos, indivíduos livres, autônomos, que respondiam por si próprios; as mulheres estavam condicionadas a serem naturalmente subordinadas ao homem nas relações pessoais, não eram senhoras de si mesmas, portanto, não eram consideradas indivíduos na sociedade. Trata-se, portanto, de uma ideologia que prega a desigualdade nas relações sociais de gênero.



## Dica com pipoca

Você já assistiu a algum filme que aborde o direito ao voto feminino? Ficam aqui algumas dicas, ambos dirigidos por mulheres:

- **Anjos rebeldes** (EUA, 2004), direção de Katja von Garnier e elenco de peso. A história gira em torno do grupo liderado por Alice Paul, feminista estadunidense responsável por elaborar as estratégias em defesa do voto feminino e que permaneceu por 50 anos como líder do Partido Nacional das Mulheres (National Woman's Party).
- **As sufragistas** (EUA, 2015), dirigido por Sarah Gavron. Retrata o movimento sufragista iniciado na Inglaterra no final do século XIX e segue até o XX. A história aborda igualmente os laços de solidariedade criados mesmo entre mulheres não ativistas. Confira!

O desenho das classes sociais vai adquirindo contornos mais visíveis: os mecanismos que regulam a divisão sexual do trabalho são readequados, tendo em vista a forte separação entre o público e o privado. Isto é, a formação social capitalista, além das desigualdades de classe, lança mão, igualmente, das desigualdades de gênero e das étnico-raciais.

No passado, as mulheres, como vimos antes, não eram consideradas cidadãs, o que as levou a não ter o acesso à posse de propriedades, à educação, à vida política etc. A cidadania estava, então, ligada às condições econômicas, à posse de propriedades e de rendas. A dependência feminina se traduz também na inexistência de direitos políticos. E quando, ao final do século XIX e na primeira metade do século XX, o sufrágio se universaliza, estendendo-se aos que não dispunham de propriedade e de renda, essa condição não atinge as mulheres, que continuam destituídas de vários direitos relativos à cidadania e subordinadas aos homens, pais ou maridos.



Passeata do Sufrágio, EUA, 6/05/1912. Biblioteca do Congresso Nacional.

### Você sabia...



*que, no Brasil, o voto feminino foi aprovado em 1932? Mas a conquista não foi total, pois apenas as mulheres casadas tinham esse direito, embora ainda dependendo da autorização dos maridos, além de viúvas e solteiras com renda própria comprovada. Essas restrições foram anuladas dois anos depois. O voto tornou-se obrigatório para as mulheres*

*somente em 1946.*

Se essa era a condição das mulheres da classe dominante, no caso das integrantes da classe trabalhadora, das camadas populares, ou de grande parte delas, a situação era outra. Elas sempre estiveram presentes na esfera pública, principalmente no mundo do trabalho: no passado, como escravas, e, posteriormente, como força de trabalho de baixo custo na produção capitalista, tornadas invisíveis até hoje, sujeitas a diferentes formas de exploração no mercado de trabalho, às políticas vigentes nesse mercado, como a extensão da jornada, os horários, entre outros.

Independentemente de atuarem no mundo público ou exclusivamente no privado, é sua atuação no mundo reprodutivo, seu trabalho invisível no seio da família, que dá sustentação ao público.



O trabalhador, no capitalismo, vende sua força de trabalho e produz valor para o mercado; a mulher, ao realizar gratuitamente seu trabalho doméstico, produz valor de troca, ou seja, seu trabalho não tem valor monetário. E, para o capital, o que não tem valor monetário, não tem valor.

A despeito de os homens dominarem também o mundo privado, o trabalho que as mulheres nele realizam dá sustentação ao trabalho assalariado no sistema de produção capitalista. Além disso, o trabalho de reprodução da família, de reprodução social, para o capitalismo é um trabalho gratuito.

Mas não só o sistema capitalista se beneficia do invisível trabalho privado feminino: também o faz o próprio Estado, por meio de suas políticas sociais, que não provêm à sociedade os cuidados com filhos e idosos. O que, na realidade, significa que as mulheres compõem um mecanismo barato, ou de menor custo, mas que supre as necessidades de reprodução do sistema social. E, ainda: o valor de seu trabalho no mercado é inferior ao do homem, inclusive na própria visão do Estado.

O homem historicamente ocupa as melhores posições no mercado de trabalho: com as remunerações mais altas, que exigem melhor qualificação, de tal forma que os conhecimentos técnicos e tecnológicos passam a ser dominados pelos homens. Às mulheres são destinadas atividades relacionadas aos atributos femininos socialmente construídos, ou seja: limpeza, cozinha, cuidados dispensados às crianças, ensino, indústria têxtil, o próprio emprego doméstico.

Voltando à divisão sexual do trabalho, as ideias, as concepções patriarcais caminharam lado a lado com as concepções capitalistas, e ambas impregnaram as relações sociais, o dia a dia das pessoas nas sociedades capitalistas ocidentais.



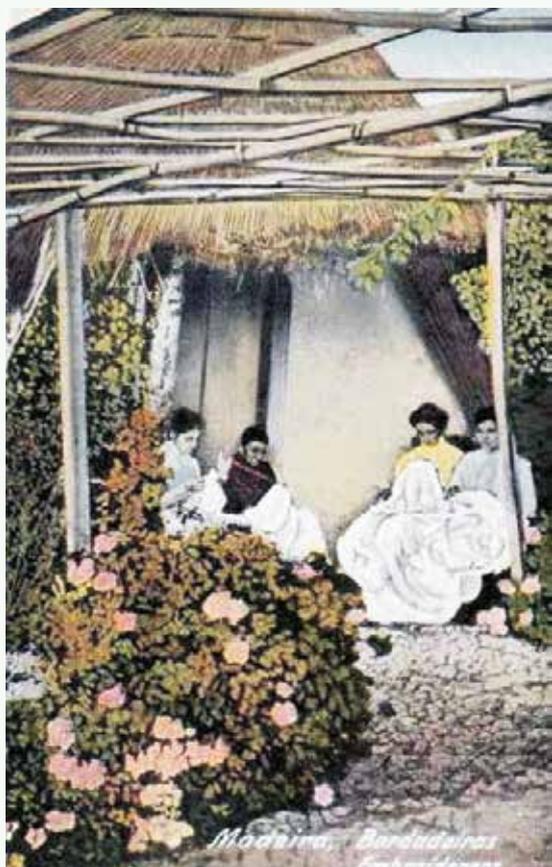
Mulher atrás da máquina de costura em Gambia, 2014

## Educação: um capítulo à parte

Durante o período do Brasil colônia, a educação ainda não era valorizada socialmente. A atividade econômica da época era simplesmente a exploração predatória dos recursos naturais da terra. Os jesuítas providenciaram a educação dos filhos dos indígenas e dos colonos brancos, cooptando-os para sua fé. Com esse objetivo organizam uma rede de escolas, entre os séculos XVI, início da colonização, e o século XVIII. Tal iniciativa poderia ter contrabalançado os excessos do poder patriarcal, de pais e maridos, mas, pelo contrário, contribuiu para a manutenção da condição de submissão ou jugo da mulher tanto ao homem como à Igreja. O objetivo claro era manter as mulheres em condição de inferioridade e de ignorância.

As crianças e jovens do sexo feminino, pertencentes às classes trabalhadoras, aliás, só passaram a ter direito à educação quando esta passou a ser um direito universal. As mulheres recebiam ensinamentos relacionados ao trabalho doméstico: corte e costura, bordado, culinária etc., mas nada relacionado à formação mais ampla, pois a ideia na época era de que estes lhes seriam supérfluos. Além disso, é sempre importante lembrar que a mulher era considerada menos capaz em vários sentidos, sobretudo intelectualmente. Já os homens não precisavam ir à escola, pois ensinavam a si mesmos.

No entanto, começa a surgir a ideia de que as mulheres educavam os filhos, futuros trabalhadores e, por essa lógica, era preciso valorizar a educação.



Bordadeiras

## Reflexão

**É fato que as mulheres há algumas décadas têm ingressado em cursos de nível superior antes dominado por homens. Mas será isso suficiente para a conquista da igualdade de gênero nas profissões mais valorizadas?**

**Veja o exemplo na Medicina: a partir de 2010, as mulheres ultrapassaram a quantidade de médicos formados no Brasil. Boa notícia!**

**Mas em quais especialidades elas estão mais presentes? Pediatria (70%), Ginecologia e Obstetrícia (52%), Clínica Médica (51%), Medicina da Família e Preventiva (50%) (Scheffer e Cassenote, 2013). Outro estudo (Venco, 2015) apontou que a radiologia, trabalho cada vez mais realizado em casa, será dentro de alguns anos majoritariamente feminino.**

**Ou seja, mesmo tendo acesso a essas especialidades, às mulheres ocupam postos de trabalho de menor prestígio na medicina e / ou vinculados, ainda, aos atributos ditos femininos. Observe quantas mulheres há na cirurgia em geral? E em especial na cardíaca? Essas são especialidades que contam com maior reconhecimento social e, conseqüentemente, maiores salários. Você sabia que, no jargão médico, as especialidades médicas com forte presença feminina são chamadas de “medicina de porão”? Pense nisso...**



## 2 O capitalismo sem barreiras: a globalização

A década de 1970 foi marcada por transformações no modelo econômico que prevaleceu após a Segunda Grande Guerra. Perto do final da guerra foram criadas instituições que pudessem regular as relações econômicas e políticas internacionais.

O Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial, ambos criados em 1944, serviriam para oferecer financiamento internacional, e tendo, como principais patrocinadores os EUA e seus aliados próximos, poderiam exercer influência sobre os países que a eles recorressem. O Acordo de Bretton Woods realizado naquele ano pelos países capitalistas resultou na criação daqueles dois organismos e gerou igualmente o Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (GATT, da sigla em inglês), objetivando reduzir as barreiras alfandegárias, de modo a estimular o comércio internacional. Nesse mesmo contexto, os países vencedores da guerra fundaram, em 1945, a Organização das Nações Unidas, ONU, com vistas a manter a paz entre as nações.

Em 1973 ocorre a “crise do petróleo”, quando a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), promove forte aumento de preço desse produto, provocando grandes gastos extras nos países que dependiam de sua importação e, ao mesmo tempo, grandes receitas para os países exportadores.

O mote do capital é valorizar-se ininterruptamente, expandindo-se pelos mercados financeiros internacionais à procura de lucros, intensificando a especulação e desestabilizando moedas nacionais, e passando assim a circular com liberdade de ação em relação aos mecanismos de controle das nações industrializadas.

Em paralelo, as **empresas multinacionais** ampliam sua instalação em vários países e, da mesma forma que o **capital não produtivo** (ou **especulativo**), a afastar seus interesses dos países em que atuam, fugindo dessa forma aos controles nacionais e espalhando-se pelo planeta como **empresas transnacionais**.

O capital, assim, transnacionaliza-se, fenômeno que recebe o nome de “globalização econômica”: o capital, produtivo ou especulativo, move-se pelo globo terrestre com total liberdade, não mais respeitando fronteiras político-econômicas nacionais. Está



### GLOSSÁRIO

#### **Empresa multinacional:**

tem filiais em diversos países, mas é dirigida pela matriz, situada no país de origem.

#### **Empresa transnacional:**

mantém igualmente filiais pelo mundo, mas segue diretrizes próprias.

#### **Capital não produtivo ou especulativo:**

aquele que gera lucro sem produzir ou contratar a força de trabalho.

sempre à procura de maiores e melhores oportunidades de otimização de seus lucros, sejam os obtidos pela especulação financeira sejam os obtidos pela redução dos custos de produção ou pelo aumento de margens nas transações comerciais.

No entanto, para que esses fenômenos ocorressem, foram necessários dois acontecimentos: uma liberalização econômica cada vez maior por parte dos governos e uma reestruturação produtiva.

## *As mulheres se organizam*

Na década de 1970, o movimento feminista considera o patriarcado o sistema responsável pela permanência na sociedade de valores, normas, práticas e relações que sustentam e mantêm as desigualdades entre os sexos. É uma teia que se estende por vários aspectos da vida social, formando um complexo de relações que se concretizam como opressão e discriminação entre homens e mulheres, privilegiando os primeiros.



Movimento Feminino pela Anistia, 1975. Fotografia: Cláudia Ferreira

O capitalismo serve-se dessas desigualdades, tornando-as importantes instrumentos na exploração das mulheres de um modo diferente do que faz em relação aos homens.

No entanto, a partir da Segunda Guerra Mundial, as mulheres vão aumentando sua participação na esfera pública, inserindo-se paulatinamente no mercado de trabalho.

Esse fato se dá, em parte, porque as mulheres começam a ter condições de planejar a reprodução, passando a ter domínio sobre a situação. E, aumentando sua presença em áreas da vida pública, elas aos poucos se transformam em sujeito político e social e igualmente fortalecem sua organização em vários âmbitos da vida pública.

O que ocorre, então, é que aumentam as contradições nas relações sociais entre os sexos e as novas formas de organização capitalista.



**Você sabia...**

*que a imagem a seguir foi usada em uma propaganda de guerra em 1943? O cartaz, originado da fotografia de uma operária, permite várias interpretações: apoio à guerra; representação da força da mulher que vai à luta e trabalha na indústria bélica ocupando o lugar do homem que estava na guerra; e, nos anos 1980, símbolo do feminismo.*



Nós podemos fazer isso!

## *Liberalização econômica e reestruturação produtiva*

Ainda a partir da década de 1970, uma das várias transformações que afetam as economias nacionais e as transações internacionais é o ideário **neoliberal**, que passa a ganhar força, inicialmente entre os países desenvolvidos. Esse é um aspecto interessante a ser problematizado no interior das lutas das trabalhadoras: os movimentos estão combatendo essa opção política, em que o Estado regula cada vez menos a economia e libera o mercado de suas restrições, atingindo as trabalhadoras direta ou indiretamente?

Será que a redução ao mínimo da participação do Estado permite que os mercados se autorregulem?

O que ocorre, de fato, é uma desregulamentação dos mercados, ou seja, o abandono das regras que delimitam e ou limitam o livre funcionamento da economia; paralelamente, os capitais especulativos passam a ter total autonomia em seus fluxos; e, por fim, o comércio internacional busca a crescente eliminação de barreiras alfandegárias.

Isso porque elas são destinadas a eliminar ou obter a máxima redução de tarifas de importação, as quais são usualmente adotadas para proteger as empresas de um país, assegurando internamente preços satisfatórios para os produtores locais. No capitalismo, essas barreiras, em certos casos, são consideradas imprescindíveis para evitar a “concorrência predatória”, situação em que um produto é importado e comercializado dentro do país importador a preços inferiores aos estabelecidos pelos produtores locais ou mesmo a preços impraticáveis para estes.

### *Reflexão*

***Você já parou para pensar sobre os produtos chineses que invadiram o mundo inteiro?***

***Os preços praticados são inimagináveis, mas poucos questionam as condições de trabalho e de vida dos trabalhadores e trabalhadoras. Uma lógica análoga à escravidão elimina obstáculos para a acumulação.***

Mulheres trabalhando na produção da seda, China, 2002



Nessas situações, o setor empresarial demanda dos governos a desregulamentação do mercado de trabalho, especialmente a “flexibilização” dos contratos de trabalho, para que o custo total do contrato de trabalho seja o menor possível. Além disso, as grandes empresas simplesmente transferem o trabalho para países ou regiões onde o custo do trabalho é o mais reduzido possível. Você certamente já conheceu vários casos em que essa transação é realizada: os **call centers** na Índia, a confecção de vestuário na China, nas Ilhas Maurício e em tantas outras. O Brasil também integra a lista de países capazes de realizar trabalhos a baixo custo e de alta flexibilidade na legislação trabalhista. Esse fenômeno é conhecido como “deslocamento do trabalho”, para o qual muitos utilizam a palavra em inglês *offshore*. Esse tema será aprofundado no Caderno 4.

## *É chega a reestruturação produtiva!*

A crise desencadeada nos anos de 1970 trouxe consigo uma nova onda da globalização, que elevou a competitividade à potência máxima!

A reorganização da economia baseou-se em dois objetivos sempre presentes no capitalismo: redução dos custos operacionais e aumento da produtividade

Novas exigências foram simultaneamente feitas às trabalhadoras e aos trabalhadores. Foi recorrente a culpabilização da força de trabalho pelo desemprego: segundo empresários e o discurso oficial, os trabalhadores não estavam capacitados a enfrentar as novas tecnologias. Assim, mais uma vez, poder público e empresários se unem, isentando-se do papel que deveriam assumir na contenção do desemprego.

Diversos métodos, técnicas e tecnologias foram sendo criados ao longo do tempo com esses objetivos, como mencionado anteriormente, como o taylorismo, o fordismo e depois o **toyotismo**, com “caimento” perfeito para tempos de flexibilização, que você verá em detalhes no Caderno 4.



### GLOSSÁRIO

**Toyotismo:** forma de organizar a produção com vistas a eliminar o estoque e, portanto, o capital paralisado. Produzir apenas de acordo com a demanda foi o mote utilizado pelas empresas para facilitar ainda mais a contratação de trabalhadoras e trabalhadores temporários.

Mas, atenção! Nem toda produção se enquadra no toyotismo, como a indústria de processo contínuo, que não sofre interrupções e é amplamente utilizada, por exemplo, no refino do petróleo.

Para saber mais sobre as características desse tipo de indústria, consulte: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v26n1/v26n1a11.pdf>>. Acesso em: 19.ago. 2016.

É importante lembrar que a reestruturação produtiva celebrará um casamento perfeito com o avanço das novas tecnologias: a informática, a robótica e a telemática propiciaram forte racionalização do trabalho e redução do número de trabalhadoras e trabalhadores.

As tecnologias não se referem apenas às máquinas e aos aparelhos eletrônicos, mas englobam também as formas de gestão da força de trabalho: uma vez suprimidas as chefias intermediárias, algumas atividades passaram a ser feitas por máquinas e, especialmente, surgiu a terceirização, que levou milhares de trabalhadores a perder direitos conquistados pelo sindicato profissional.

Tal conjuntura trouxe fortes consequências para o mercado de trabalho nos países industrializados: o desemprego estrutural (provocado pela automação), de um lado, e a redução das oportunidades de trabalho e de geração de renda, de outro.

Mas engana-se quem pensa que esse fenômeno atingiu apenas as empresas. Essa mesma lógica foi adotada pelo setor público. No Brasil, a partir de 1995, a opção pela nova gestão pública, no governo FHC, construiu a ideia, com apoio da mídia, de que o Estado não é eficaz na administração de empresas, abrindo caminho, portanto, para uma ampla privatização das empresas estatais. Além disso, a gestão do ministro Bresser Pereira, à frente do Ministério da Administração e Reforma do Estado, criou marcos legais para flexibilizar também a contratação do serviço público. Assim, a lógica da precariedade nas relações de trabalho, oriunda das empresas, chega ao setor público.

Com isso, o produto final da reestruturação produtiva nas empresas e, em certa medida no setor público, resulta em desemprego, contratos precários de trabalho, diminuição de direitos, e, como consequência destes, aumento da pobreza e da desigualdade social.

### 3 *O movimento das mulheres: década de 1990*

O movimento das mulheres, a partir da década de 1990, atuará em duas esferas principais frente às instituições do Estado: parte do movimento passará a atuar por meio das organizações não governamentais, as ONGs, que vão dialogar com o Estado, pressionando em favor de demandas de áreas específicas, financiamento para a prestação de serviços ou, ainda, em questões referentes à ação de cunho legislativo. Em outra esfera, se verá a militância feminina ligada aos partidos políticos e a grupos de reivindicação relacionada a diversas políticas sociais, entre elas o histórico movimento de luta por creches em todo o país, especialmente nos estados e municípios mais industrializados.



Passeata Dia Internacional da Mulher, Rio de Janeiro. Cláudia Ferreira

Ainda que haja diferentes visões acerca das características do Estado, existe consenso em relação à ação que ele realiza, na qual transparecem as contradições e as desigualdades nas relações sociais de gênero, o que contribui para a manutenção das relações de desigualdade ou mesmo para seu fortalecimento.

Em meados da década de 1980 e durante a década de 1990, algumas pautas foram propostas por organismos multilaterais dentro da abordagem da “cooperação para o desenvolvimento”, abordando “mulher e desenvolvimento” (em inglês, WAD, women and development) e, mais tarde, “gênero e desenvolvimento” (GAD, gender and development). A ideia era promover o empoderamento das mulheres com base na mudança de práticas e políticas de desenvolvimento. Não houve grande repercussão dessa iniciativa no Brasil, onde prevaleceu um debate considerado mais “operacional”, visando ao funcionamento do Estado em questões como o planejamento de gênero (em inglês, gender planning), a capacitação de agentes públicos e o monitoramento dos orçamentos públicos destinados a políticas que trouxessem impacto nas relações sociais de gênero.

## *Dificuldades na luta: um coletivo fragmentado?*

Apesar de toda a mobilização realizada pelas mulheres, no caso do Brasil, especialmente nos primeiros anos de 1980, jamais foi possível viabilizar toda a agenda de propostas ou demandas almejadas. Mas elas obtiveram sucesso parcial em diversas frentes que compunham sua plataforma de luta, como as referentes à igualdade e à não discriminação, ou quanto à violência sexista; e as que compunham aspectos da saúde e, sobretudo, da reprodução. Alterações nas legislações também foram conquistas importantes, levando-as a se impor como cidadãs.

Existem, ainda, outros fatores que se contrapõem às mudanças almejadas pelas mulheres. Parte delas é vista, por setores da sociedade – sem conscientização política sobre as injustiças sofridas pelas mulheres – como reivindicações particulares, setoriais, diminuindo, assim, sua força e tornando-as limitadas diante do discurso político geral ou do projeto de transformação global da condição feminina.

Nesse sentido, questões ligadas à vulnerabilidade social, por exemplo, têm encontrado maior receptividade e capacidade de viabilização.

## *A globalização e o trabalho*

Vimos que, ao promover uma nova divisão internacional do trabalho, a globalização empurra para os países do sul, os menos desenvolvidos do planeta, as atividades mais repetitivas, mais desprovidas de conteúdo e que exigem uso intenso da força de trabalho. Nestes, além da precariedade, da degradação das condições de trabalho, se acentuará a divisão sexual do trabalho, pois nessas atividades, as mulheres, remuneradas em patamares inferiores aos homens, prevalecerão como a principal força de trabalho.

Do lado do capital, o que se vê é que ele se movimenta pelo planeta e concretiza uma reorganização das cadeias produtivas em termos globais, constituindo um deslocamento de empresas. Do lado do trabalho, o que se verifica é seu uso flexível e intenso em escala global, e a ampliação das relações de trabalho fora do assalariamento padrão (contrato por tempo indeterminado, dentro da norma legal) em função do surgimento ou ressurgimento de “contratos” atípicos, os fora do padrão: o trabalho realizado no próprio domicílio do empregado ou o temporário prestado via empresas de locação da força de trabalho, como, por exemplo, as atividades relacionadas à limpeza. E crescem também: o trabalho por conta própria, como alternativa ao desemprego e enaltecido pelo poder público como programas de “empreendedorismo”, que buscam convencer a população de seu potencial empreendedor; a terceirização,

que se espalha pelas atividades econômicas em geral; e as cooperativas de trabalho, que, em grande parte, não comungaram com os valores igualitários possíveis e foram gerenciadas como pequenas empresas. Cada vez mais o trabalho se informaliza e se degrada, cresce a insegurança quanto à manutenção das relações de trabalho e da remuneração, aumenta a ausência de proteção social e a não observação das regulamentações do trabalho, e seu uso flexível torna-o cada vez mais vulnerável.

### *Reflexão*

*O Caderno 1 rememorou vários aspectos estudados durante o curso e provavelmente trouxe outras reflexões sobre o papel da mulher na sociedade.*

*Uma pesquisa acaba de descobrir que há um gene responsável pelo racismo e, portanto, sua eliminação traria mais amor e aceitação inter-racial.*

*O que você acha disso? Leia mais sobre os resultados, acessando o link:*

*<<http://ciencia.estadao.com.br/noticias/geral,defeito-genetico-derruba-preconceitos-e-leva-a-amor-pelo-proximo,10000068406>>. Acesso em: 19 ago. 2016.*



Mulher deitada  
Museu Nacional de Arte Contemporânea  
(MNAC), Lisboa, Portugal

# Galeria de fotos





## Referências bibliográficas

ARAÚJO, A. M. C. Trabalho, precarização e relações de gênero em tempos de flexibilização e reestruturação produtiva. XIII Congresso Brasileiro de Sociologia. GT: Trabalho, precarização e políticas públicas. Recife/PE, 29.05 a 01.06.2007. Disponível em: <<http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

ARAUJO, A. M. C.; LOMBARDI, M. R. Trabalho informal, gênero e raça no Brasil do início do século XXI. Cad. Pesqui. [online]. 2013, vol. 43, n. 149 [cited 2016-08-20], pp. 452-477..

ARAÚJO, A. M. C.; FERREIRA, V. C. Terceirização e relações de gênero. In: RODRIGUES, I. J.; DAU, D. M.; CONCEIÇÃO, J. J. da. (Org.). Terceirização no Brasil: do discurso da inovação à precarização do trabalho (atualização do debate e perspectivas). São Paulo: Annablume, 2009.

CANGUILHEM, G. O normal e o patológico. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DEDECCA, C. S. Notas sobre a evolução do mercado de trabalho no Brasil. In: Revista de Economia Política, vol. 25, n. 1 (97), pp. 94-111, jan.-mar./2005. Disponível em <<http://www.rep.org.br/pdf/97-6.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

DELGADO, M. do C. G. Estrutura de governo e ação política feminista: a experiência do PT na Prefeitura de São Paulo. Tese apresentada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

HUBERMAN, L. História da riqueza do homem. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

PENNA, V. A mulher trabalhadora. In: CARVALHO, N. (Org.). A condição feminina. São Paulo: Revista dos Tribunais Ltda., 1988.

PRONI, M. W. História do capitalismo: uma visão panorâmica. In Cadernos do CESIT. Campinas, n. 25, out. 1997.

SAFFIOTI, H. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

VENCO, S. The emergence of a new medical model: the international division of labour and the formation of an international outsourcing chain in teleradiology. In: Work Organisation, Labour & Globalisation. vol. 6, n. 2 (Autumn 2012), pp. 45-57.



# *Vamos à luta!*



O caderno de formação *Constituição da sociedade capitalista e divisão social e sexual do trabalho* foi impresso pela gráfica Impressoart para o Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho (CESIT).

Composto na fonte Merriweather em corpo 10/15.

A tiragem foi de 1.500 exemplares, em papel offset 90g para o miolo e Cartão Supremo 250g para a capa.

